O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 35.º — N.º 1749
Sábado, 25 de Julho de 1942
VISADO PELA CENSURA

O que é e para que é a Mocidade Portuguesa?

O Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa», sr. dr. Marcelo Caetano, publicou agora, cuidadosamente editado, um interessante volume sôbre o carácter e os fins da organização que lhe está confiada.

E' o ilustre professor de Direito Administrativo um dos melhores valores do Estado Novo e pessoa que, desde sempre, revelou extraordinárias qualidades de inteligência e de saber. Possue, pois, condições especiais para o cargo que ocupa, tanto mais que cêdo entrou na liça do bom combate. Nacionalista 100 % conhece bem as nossas necessidades e os nossos defeitos. Por outro lado está perfeitamente ao par das verdadeiras aspirações da juventude, já porque há longos anos tem contacto permanente com os rapazes que vão escalonando a vida, já porque a todo instante se debruça, como temos visto, sôbre os problemas mais agudos do nosso tempo e da nossa terra.

A Missão dos Dirigentes, que há pouco lhe saiu das mãos, é, por conseqüência, um magnífico repositório de ensinamentos práticos, de observações ilucidativas e de conselhos admiráveis. E', inclusivamente, o testemunho do chefe que sente o pêso das suas responsabilidades e que deseja transmitir aos seus discípulos o fôgo que o anima e a palavra necessária.

Sendo absolutamente certo que a organização será o que fôrem os seus dirigentes, o sr. dr. Marcelo Caetano define o sentido da *Mocidade* e os seus deveres dos que têm de a conduzir.

Ora a *Mocidade* não é *secção de um partido político, uma obra da Acção Católica, uma organização militar, uma sociedade desportiva ou de educação física, uma disciplina escolar, um tempo nos horários e uma nova matéria nos programas de ensino.* Embora procure viver a par de umas, na mais estreita intimidade com outras o certo é que que a Mocidade Portuguesa se limita a aproveitar o que há de bom em tôdas elas para melhor atingir os seus elevados fins. Quere dizer: *A Mocidade Portuguesa é um movimento de formação integral da juventude que procura dar à gente moça vigor físico, saúde moral e uma consciência física inspirada no mais alto ideal patriótico e traduzida no sentido prático.*

Portanto, por índole e por princípio, é contra todos os decadentismos que dum modo ou doutro possam contribuír para o enfraquecimento da vontade, para o relaixamento dos sentimentos e para o mêdo das responsabilidades. Antes e acima de tudo a *Mocidade* quer o homem forte e bom. Forte nas acções, no desembaraço físico, nas atitudes, na defesa da verdade e da justiça—forte no carácter.

Bom no contacto com a sociedade, no trato com os seus camaradas, no procedimento com os seus inferiores e com os humildes — na lealdade e na correcção para com todos.

Ora para conseguir os seus elevados objectivos a *Mocidade* colaborará com a família que é, pode dizer-se, o primeiro *centro* da organização e com a Escola, prolongamento do Lar e elemento máximo do aperfeiçoamento moral. Dentro dêste quadro superior tentará a mobilização geral de esforços e empregará os meios que estão ao seu alcance para formar uma sociedade melhor e para servir e honrar Portugal.

Por isso mesmo combaterá, sem desfalecimentos, tôdas as idéias derrotistas e comodistas para cultivar, no mais alto grau, o desinterêsse, a abnegação e o sacrifício. Porque sendo, como realmente é, fiel aos Chefes e à Pátria, ela será *pelo espírito heroico contra o espírito burguês.*

LUIZ FILIPE

FIGUEIRAS

Não engraçamos nada com elas. Nem tão pouco com o fruto. Por isso, quando passamos por alguns quintais, situados dentro da cidade, e vemos os ramos a mostrarem-se por cima dos muros, *perdemos sempre oito tostões...*

E' que as figueiras são mais próprias das aldeias e a nós custa-nos que a cidade tenha essa categoria...

Chegou o calor

Tem-nos proporcionado alguns dias quentes o mês de Julho. Todavia, essas temperaturas suportam-se porque são, o mais das vezes, atenuadas pela fresca brisa do mar, que fica próximo.

Ou Aveiro não seja um paraizo!

Varandas floridas — Jardins suspensos

PORQUE NÃO IMITA AVEIRO A CIDADE DE ABRANTES?

Eis a pregunta que mais uma vez formulamos e agora em presença duma referência do *Século*, que chama a Abrantes a *cidade das mil janelas floridas*. E acrescenta:

Situada num planalto donde se desfrutam, sôbre o Tejo maravilhoso, os mais belos panoramas, Abrantes é uma das mais alegres e saudáveis cidades de Portugal e é, também, a mais florida cidade dêste país de flôres. E' belo, é esmagador de emoção, atravessar as ruas de Abrantes, tôdas enfeitadas de flôres como imenso jardim. Abrantes é a cidade das mil janelas floridas!

E' que, desde há tempo, por iniciativa bem louvável da Câmara Municipal, a que preside um homem de invulgares qualidades de dirigente, o sr. Henrique da Silva Martins, todos os habitantes começaram a florir as suas janelas — muitos com flôres oferecidas pelo Município—colocando-lhe vasos com sardinheiras garridas e vermelhos e bonitos pelargónios, flôres lindíssimas que se assemelham aos amores perfeitos, de várias côres. Imaginem os leitores o que será o aspecto de uma cidade em que as janelas gritam alegria e beleza na alegria e beleza de milhares de flôres!

No castelo famoso — que bem merece ser conhecido pelos portugueses — e na cêrca das Cadeias existem milhares de vasos com plantas ornamentais e, na época própria, realizam-se exposições de crisântemos — algumas das quais, o que é extramamente curioso, se efectuam no próprio quintal.

Abrantes — a cidade das mil janelas floridas... Nunca uma frase definiu tão bem uma cidade de Portugal!

Nós já visitámos Abrantes e, por isso, podemos constatar a verdade destas palavras. Mas a primeira vez que vimos, e admirámos, e apreciámos a beleza das casas floridas—quadro majestoso que, para sempre, ficou gravada na nossa retina—foi na Belgica, há seis anos, fá-los agora, onde por tôda a parte aparece a flôr a irradiar alegria e a imprimir ás ruas e praças um permanente aspecto festivo, atraente, de singular aprazimento.

Que lindo, que belo, que efeito surpreendente ofereciam os edifícios públicos e particulares, desde o mais sumptuoso palácio à mais humilde choupana, todos floridos, nessa Belgica tão infeliz, tão mártir — tão digna de melhor sorte!

Era por tôda a parte. Nas cidades, nas vilas, nas aldeias. Extasiou-nos por desconhecermos, nunca termos visto semelhante ornamentação.

Abrantes imitou-a — e é um brinco. Porque não há-de Aveiro seguir-lhe o exemplo nessa maneira tão fácil de se engrinaldar?

Infâmia das infâmias!

No solar onde, há 25 anos, se praticou o crime de Serrazes

Muita gente se deve recordar ainda daquele crime que tanto apaixonou a opinião pública e do qual foi vítima o dr. Augusto Malafaia, nosso companheiro no Liceu desta cidade, onde fez os preparatórios, e que, com a mãe e duas irmãs, residia no seu solar das cercanias de Vouzela. Foi lá que uma tremenda tragédia o arrancou à vida, na sua pujança, tragédia que teve lugar em 1917, arrastando-se, depois, a causa pelos tribunais durante cinco anos, até à condenação dos dois indivíduos que o assassinaram, no tempo estudantes em Coimbra.

Esquecido o que então se passou, outro caso vem pôr, de novo, em fôco o Solar Malafaia. E' assim contado:

As duas senhoras, filhas de D. Amélia Malafaia, casaram. Ficou, portanto, sòzinha, no velho solar, a sua proprietária, que tem hoje 90 anos. Chamara, porém, ela para a sua companhia uma afilhada, de nome Madalena. Deu-lhe educação esmerada, fez dela uma outra filha. Senhora já, bonita e prendada, a Madalena começou a ser requestada. Entre os pretendentes, apareceu no sítio um indivíduo de apelido Cardoso. Viera de França e residia em Santa Cruz da Trapa. Vendo-se correspondido, insinuou-se de tal maneira, que foi admitido na residência de D. Amélia como pessoa de bem.

Decorreu tempo. Combinou-se o casamento. E a fidalga resolveu dar de dote à afilhada a sua quinta de Valgote, avaliada em 600 contos. Como melhor maneira de realizar os desejos de D. Amélia Malafaia, adoptou-se a venda da quinta ao noivo. Fugia-se, dêste modo, aos gastos duma escritura de doação. E a escritura de venda efectuou-se num notário de S. Pedro do Sul.

O Cardoso viu-se, assim, rico, dono duma fortuna, dum dia para o outro. E como, talvez, êsse fôsse o seu objectivo, deixou de pensar na noiva e no casamento, começou a espacejar as suas costumadas visitas, a adiar, a invocar negócios que reclamavam a sua presença em França, até que desapareceu.

Quando a rapariga, que estava para ser mãe, verificou o logro em que tinha caído, enlouqueceu. Entre a vida e a morte, perdido o uso da razão, a afilhada da fidalga, entregue aos cuidados dum médico, não resistiu e morreu há dias.

O duro golpe que a sr.ª D. Amélia Malafaia acaba de sofrer aos 90 anos é fácil de se avaliar. Depois do trágico assassinato dum filho, a infâmia, que a traços largos fica descrita.

Para que mais ainda estará reservada a bôa velhinha?

Êste bandido precisava de ser castigado. Precisava dum correctivo severíssimo, por que não foi só um ladrão, foi, também, o causador de duas mortes—foi outro assassino que entrou naquela casa.

O que êsse tipo praticou foi uma torpeza sem perdão.

Uma pretensão

—o—

Consta que as mulheres chinesas vão, mais uma vez, solicitar dos poderes públicos a abolição do sistema dos *pesos e medidas*, que é como chamam ao artigo do Código, segundo o qual a infidelidade da mulher é considerada um crime gravíssimo, ao passo que a do homem é admitida ou tolerada. E esperam elas obter completa satisfação, atendendo ao precedente aberto há pouco em que o tribunal concedeu ganho de causa a uma mulher que se vingou de... seu marido, que a enganava com uma dansarina.

Olha a grande coisa...

O preço de transportes

Foi publicado um aviso da Polícia de Segurança Pública tendente a reprimir os abusos que se estão praticando no país com o exagerado preço da tracção automóvel e da tracção animal.

Vem às horas.

Os combóios

Também nos chegou a vez—e não foi sem tempo—da C. P. incluir modificações nas suas linhas norte-sul, pelo que voltamos a ter um combóio aqui formado para o Pôrto às 10,42 e *rápidos* às terças, quintas-feiras e sábados entre as duas capitais—isto até 6 de Outubro.

O combóio que chega do norte às 21,52 segue com passageiros, como antigamente, trazendo vantagens aos povos da região da Bairrada, os quais esperam que a C. P. tenha isso em atenção, não voltando a suprimir tamanha regalia.

Na linha do Vale do Vouga igualmente se deram algumas modificações de que os nossos leitores se podem inteirar pelo horário adiante publicado.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Defesa económica

O português precisa de mais campos abertos à sua actividade—afirmou o Chefe no notável discurso de 25 de Junho.

O português precisa de mais campos abertos à sua actividade—devemos repetir a nós próprios, para que ninguém se esqueça de contribuir o mais possível para essa necessidade nacional.

Quantos auferirem lucros maiores que os costumados; quantos embolsarem remunerações mais elevadas do que as habituais, devem gastar, escrupulosamente, êsses excessos. E gastá-los bem. Quer rasgando novos horizontes de trabalho, em planos de iniciativa particular, quer colocando, através de empréstimos do Estado, o seu dinheiro ao serviço da nação.

Que ninguém esqueça, portanto, esta indicação de Salazar: *O português precisa de mais campos abertos à sua actividade!*

PLENITUDE DO IMPÉRIO

No passado dia 18 de Julho de 1942—uma data que importa fixar—terminou o prazo da concessão de poderes magestáticos à Companhia de Moçambique.

A crise de 1890-91 levara a confiar a companhias magestáticas a administração de vastos territórios do nosso Império, solução talvez necessária—mal que, possivelmente, evitou males maiores—mas, em todo o caso, fora da nossa índole de nação colonizadora e soberana. Ao enveredar por êsse caminho, a obra de tantos séculos poderia ficar sujeita a perigos de abastardamento e desmoralização; salvaram-na de situações graves a competência e a dedicação dos governadores do território e de tantos bons portugueses, mas a possibilidade do perigo mantinha-se.

Só um Estado independente (e não esqueçamos «ser necessário dispôr de suficiência económica para que um povo se possa determinar livremente») poderia, com coragem, atalhar êsse perigo, reïntegrando na plena soberania da nação os territórios que viviam naquele regime. Por outras palavras: só a prodigiosa obra de reconstrução levada a cabo pelo Estado Novo poderia permitir a total recuperação de 155.000 quilómetros quadrados (que tanto abrangem os territórios até agora sob a administração da Companhia de Moçambique), depois dos 190.000 quilómetros quadrados de território português do Niassa que, em 1931, foram restituídos à administração do Estado.

Trata-se de um acto transcendente, de extraordinário sentido nacional, que a nenhum português pode ser indiferente. O esfôrço tenaz de muitas gerações que se sacrificaram pela grandeza do Império encontrou na Revolução Nacional a sua expressão mais pura; assim devemos honrar os nossos heróis—continuando, sem desfalecimentos, a obra magnífica que nos legaram.

E o Congresso?

Sem notícias sôbre a organização do Congresso da Imprensa Regional, preguntamos ao colega *O Povo da Beira*: sempre há possibilidade de realizá-lo ou pendurar-lhe as esperanças!

Aguarda-se.

Henrique de Brito

Desde terça-feira que repousam numa campa do cemitério central, junto dos de seu pai, os restos mortais do nosso presadíssimo amigo, Henrique Norberto de Brito, distinto farmaceutico desta cidade, e que no Pôrto falecera a 28 de Fevereiro de 1932, sendo, então, sepultado no cemitério ocidental.

Acompanharam os fúnebres despo-

HENRIQUE DE BRITO

jos desde aquela cidade, suas irmãs, as sr.as D. Maria José de Brito e D. Alice Brito, que, com o maior desvêlo, o trataram durante a doença que o vitimou e agora o trouxeram para a terra a que tanto queria, onde, devido à sua bondade, conquistou inúmeras simpatias e à qual se achava ligado por afectos de família que só o enobreceram.

Republicano desinteressado, como nós, o *Democrata* não esquecerá jámais as provas de dedicação que lhe deu a quando das perseguições sofridas em 1912 e 1913 e por isso desfolha sôbre a sua nova jazida mimosas flôres de infinda saudade.

Acontecimento pedagógico

Por terem prestado provas de admissão aos liceus, obtendo aprovação, devem no próximo ano lectivo continuar os seus estudos, duas cèguinhas, alunas do Asilo Escola António Feliciano de Castilho, o que constitue caso virgem.

Que a felicidade as acompanhe no meio da sua infelicidade.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1942

Minha querida:

Vi, há dias, no cinema uns documentários de guerra muito curiosos. Fugiam do vulgar, pois que mostravam, não soldados, material de guerra, bombardeamentos, navios a afundarem-se, mas sim a organização da vida nos países beligerantes.

Podia-se ver, então, o papel e actividade desempenhada pela mulher em todo e qualquer serviço, desde o amanho da terra até à mais delicada e difícil missão levada a efeito nas altas esferas. Nos campos, cavando, ceifando, colhendo; nos hospitais, nas fábricas, à volta de peças anti-aéreas, manejando-as com uma desenvoltura, com uma rapidez espantosa; nos laboratórios, nos eléctricos, nos teatros e *cabarets*, dançando e cantando para distraír os soldados e a população; por tôda a parte, elas sempre risonhas, afáveis, desembaraçadas, empreendedoras.

Se fica vincado o lugar de quem é útil a alguém, como não ficará o delas, úteis a uma colectividade inteira, a tôda a nação? E depois não são só as raparigas modestas, habituadas a trabalhar, que se ocupam nas mais diversas actividades. Ao lado delas, trabalhando igualmente, estão aquelas *raffinées* da grande sociedade, que tinham para servi-las um autêntico exército de criados e criadas.

E sabes uma coisa curiosa? Em contacto com os mais importantes segrêdos de Estado, vi também mulheres! Será que o homem começa a convencer-se de que nós somos capazes de guardar um segrêdo?... E o que é mais espantoso é que já ouvi dizer que está provado que êles estão mais seguros, confiados às mulheres! Como somos muito astuciosas, (são os homens que afirmam ser essa a nossa arma...) dizem que não é fácil ludibriarem-nos... Se Michelet ainda existisse, êle, que divinizou a mulher, chamaria à astúcia outro nome mais nobre e mais honroso para nós...

Tomando essas raparigas dos países beligerantes hábitos de tão grande altividade, é naturalíssimo que um dia que a guerra acabe—e quem dera que êsse dia abençoado despontasse

Talvez na próxima semana suba o pano...

Desportos náuticos

Uma das «équipes» do Club dos Galitos que no domingo tomou parte nos Campeonatos Nacionais de Remo, realizados no Rio Douro (Pôrto) onde os aveirenses se evidenciaram

(Vêr notícia adiante)

já àmanhã—suporte mal, ou custe a habituar-se à vida metódica do *avant-guerre*. Tudo passa, no entanto, e mais tarde, quando elas sentirem a *crise da felicidade*, depressa se habituarão à vida calma de outrora. Sim, porque num corrupio constante um casal não pode ser feliz. Será depois o *regresso ao lar...* A mulher olhará para trás, terá saüdades do passado e voltará, de novo, à família e ao *sweet home* que tanto império tem nos corações. E ela, que foi heróica na guerra, será, na paz, outra vez o *anjo* do lar.

Um abraço da

Zèmi

Por causa da escrita..

O caso deu-se no Pôrto. Dificuldades da vida fizeram com que a menina Aurora, além do mais, comprasse uma cómoda a prestações, mas não cumprisse a sua palavra, entrando com elas na devida altura. De aí mentir aos credores e zangar-se com êles de vez enquanto, como sucedeu com Emília de Oliveira, que, não se fiando em promessas nem se assustando com as maneiras bruscas da Aurora, foi para a porta desta berrar:

—A Aurorinha tem de pôr a escrita em dia, senão...

Palavras não eram ditas, a Aurora enfurece-se, salta à rua, e, mesmo à vista de quem passava, aplicou-lhe uma sóva, dizendo:

—Ande, tome lá—e ponha a escrita em dia...

Parece que a polícia verificará agora para que lado pende o saldo...

Carta de Lisboa

Política de Salazar

As contas públicas relativas a 1941, há pouco publicadas pelo sr. Ministro das Finanças, vieram, mais uma vez, afirmar o valor altíssimo da política iniciada por Salazar, e que tem sido ininterruptamente seguida desde 1928. Como de costume, verificou-se um novo saldo positivo, que êste ano atingiu 195 mil contos.

Através das cifras apresentadas, pode ver-se novamente o que tem sido o equilíbrio da política seguida pelo Estado Novo. As considerações feitas no relatório, tendo por base os números apresentados, «se não anunciam prosperidades e facilidades de vida, manifestam possibilidades de continuar a viver, reservas para novas dificuldades, elementos de resistência eficaz. Ao mesmo tempo, porém, as novas contas encerram um grande incitamento, o qual vem a ser o de continuarmos trabalhando cada vez mais, cada vez melhor.

Di-lo, aliás, o sr. Ministro das Finanças, bem explicitamente quando afirma no seu relatório:

«Só redobrando os esforços, acumulando as reservas cujo consumo de momento apenas desiquilibrará ainda mais o mercado interno, convencendonos de que não é possível, quando os bens escasseiam nadar em fartura, compensando desigualdades e equilibrando sacrifícios, poderemos fazer face às dificuldades de hoje e assegurar melhores dias para àmanhã.»

Palavras da maior e mais certa verdade, elas bem merecem ser escutadas por todos os portugueses para, que a obra tão necessária, sempre tão urgente, do nosso equilíbrio, de nenhum modo sofra soluções de continuïdade.

A Mocidade Portuguesa

Sob o título *A missão dos dirigentes*, acaba agora o Comissariado da Mocidade Portuguesa de publicar um interessante volume, com algumas reflexões e directrizes acêrca da educação dos rapazes, pelo qual a Revolução Nacional tem mostrado sempre o maior e mais vivo interêsse. O trabalho do sr. Comissário Nacional é, no género, um trabalho completo, em que muito e muito terão pela certa que aprender aquêles a quem está confiada a espinhosa missão de educar rapazes, de preparar os homens do futuro.

CORDEIRO GOMES

Atenção para a 4.ª página

Além túmulo

Humberto Bessa

A-pesar-de há muito não pertencer ao número dos vivos, recordamo-lo neste dia em que faz dezanove anos que desapareceu do mundo.

Foi professor no Porto e, além da brilhante colaboração que deu ao *Democrata*, deixou várias obras em prosa e verso a atestar a sua passagem pela terra.

À vivacidade do seu espírito e às suas convicções republicanas, mais estas linhas de homenagem.

Abel Costa

Também ontem passou o 1.º aniversário do falecimento de Abel Costa, que tanto se distinguiu como amador dramático.

Dorme o sono eterno no cemitério do Outeirinho, em Verdemilho, onde teve a sua residência, dando ao club da terra muito do seu esfôrço e da sua inteligência.

Recordando-o, agradecemos a seu filho Lino os 20$00 que nos entregou para os pobres de *O Democrata*.

O jornalismo de guerra

—x—

Esta modalidade do jornalismo é sedutora, pelo imprevisto, pela aventura, e porque confirma as qualidades do jornalista no que respeita à sua coragem, observação e imparcialidade. Mas oferece sérios perigos. A morte de tantos dêstes jornalistas assim o prova.

Este género de reportagens não tem um século de existência. Durante a guerra do Segundo Império surgiram os primeiros correspondentes de guerra. Jornalistas ingleses acompanharam as tropas à Itália, à Crimeia e à China. Nesta última guerra, o enviado especial do *Times* foi capturado pelos chineses e bàrbaramente trucidado.

Em 1870, foi estabelecido o precedente de os jornalistas acompanharem o curso das operações franco-prussianas. Desde então os correspondentes de guerra têm cumprido a sua missão em tôdas as guerras, e os jornalistas anglo-saxónicos muito se têm distinguido no género.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Maria Lucinda Alvim de Matos, professora oficial, e D. Rosa Gamelas Cardoso, esposas, respectivamente, dos srs. tenentes Joaquim de Matos e dr. Vitorino Cardoso, médico de Infantaria 10, actualmente nos Açores, e a menina Judith da Conceição de Oliveira Rodrigues, filha do sr. Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional; àmanhã, as esposas dos srs. João da Rosa Lima e António Tavares de Sousa; o sr. tenente António Pedro Carretas, de Cavalaria 5, e o menino Rui José Pinto, filho do sr. José Pinto, da Farmácia Moderna; no dia 27, o inocente António Manuel Estima Martins, filho do sr. António Augusto Martins, empregado nos escritórios da filial da Vacuum Oil Company de Coimbra; em 28, a menina Maria Ester de Rezende Godinho, filha do sr. José Lopes Godinho, professor no concelho de Oliveira de Azemeis, e a sr.a D. Violeta Vieira da Costa, residente em Luanda (Africa Ocidental), e em 29, o sr. tenente Fracisco António Wenceslau, de Cavalaria 9 (Chaves) e o filho Alfredo Manuel, do sr. Manuel Faria de Almeida, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Lourenço Marques (África Oriental).

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo consorciou-se no último sábado com a menina Salomé Borrêgo, que na revista Ao cantar do Galo *desempenhou alguns papeis, agradando plenamente, o sr. Francisco da Rocha Bastos, comerciante da nossa praça.*

Apadrinharam o acto, a irmã da noiva, sr.a D. Elvira Maria Cândida e o sr. dr. Armando Simões, que representava o sr. dr. Soares Machado.

Assistiram vários convidados aos quais foi servido um fino copo de água, e aos nubentes, que foram passar a lua de mel ao Porto, foram oferecidas diversas prendas.

Ao novo lar desejamos um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Tivemos ante-ontem ensejo e, ao mesmo tempo, o grato prazer de cumprimentar nesta cidade o sr. dr. Elias Gonçalves, que exerceu, entre nós, o cargo de secretário geral do govêrno civil, impondo-se pela afabilidade do trato e ainda pela graça natural que brotava das suas conversas, quando em ameno cavaco com os amigos.

Encontrando-se a veranear, com a família, em Espinho, muito estimamos que as férias lhe decorram cheias de aprazimento, à margem dos efeitos caniculares.

—Também cá estiveram esta semana, os srs. Emílio Rodrigues da Paula, de Penela; padre Manuel Rodrigues de Almeida, prior de Vilarinho do Bairro; António Maria Espanhol, do Rio Tinto; Manuel Simões Carrelo, de Cacia; dr. Henrique Pinto, residente na capital e Platão Mendes, reporter fotográfico do Janeiro, do Pôrto.

Praias e termas

Regressou de S. Pedro do Sul aonde fez o seu habitual tratamento, o sr. Carlos Aleluia.

—Para as mesmas termas seguiu com sua esposa, o sr. António Coelho; para Entre-os-Rios, o sr. Morais Calado, da Drogaria de Aveiro, L.da e para Vidago, o sr. Manuel Cardote Freire e esposa.

—Também regressaram, com suas famílias: da praia do Farol a esta cidade, o sr. Gustavo Moreira, e de S. Jacinto ao Porto, o sr. Joaquim de Macêdo Vieira.

Doentes

Tendo adoecido em Faro, onde é escriturário da Direcção de Estradas, deu entrada no Hospital da Universidade de Coimbra o nosso conterrâneo Fernando Silva, a quem desejamos completo restabelecimento.

Livros

Travassô e Alquerubim e outras localidades da Região do Vouga

Saiu, finalmente, dos prelos da *Gráfica Aveirense*, e foi pôsto à venda tanto em Aveiro, como noutras cidades, o novo livro do sr. Laudelino de Miranda Melo, autor doutras publicações valiosas, algumas esgotadas, e que pôs no trabalho de agora muito do seu amor à terra onde nascera, elevando-a.

Era tenção nossa dedicar à obra algumas palavras visto privarmos de perto com Laudelino de Miranda Melo e conhecermos, portanto, quanto se esforçou para a apresentar nivelada pelos seus méritos literários. Mas desde que o sr. dr. A. de Magalhães Basto, escritor, jornalista, director do Arquivo Distrital do Pôrto, ex-lente da Universidade e arqueólogo de merecimento, no-la apresenta num prefácio, que diz tudo, para a sua reprodução, na íntegra, dirigimos o leitor, visto que por muito que disséssemos não diríamos tanto nem melhor.

Tem, pois, a palavra o sr. dr. A. de Magalhães Basto:

Um povo é grande pelo amor e dedicação dos seus filhos. E na base do amor da Pátria está a carinhosa devoção pelo campanário da aldeia, ou pelo cantinho da terra que nos viu nascer.

Êste livro é fruto dêsse amor. Tanto bastava para que êle fôsse recebido com franca simpatia.

Mas não lhes faltam outras brilhantes qualidades que igualmente o recomendam: êste trabalho revela estudo, consciência, perseverança, sinceridade, espírito imparcial, desejo de ser útil. Não tem, decerto, a pretensão estulta de esgotar o assunto ou de ser impecável. Apresenta-se modestamente como *Arquivo de consultas para os vindouros*, pede «desculpa do que possa não agradar ou das falhas que possa ter», e faz até votos por que apareça quem se sinta com disposição e forças para meter nova foice nesta seara, que o Autor declara não querer monopolizar em seu proveito...

O etnógrafo encontrará neste *Arquivo* algumas notas de real interêsse. Destaco a descrição da festividade dos Santos Mártires de Marrocos, que é ao mesmo tempo uma página de acentuado recorte literário, viva, pitoresca, espontânea, cheia de poesia, de côr local e de elevada unção religiosa. Destaco, sobretudo, os *Velhos costumes dos povos da Região Vouga*, em que se fala de boas usanças que, suspeito, se vão perdendo (a do *quilinho de açúcar* às parturientes ainda estará em vigor?!...) e de saborosíssimos pitéus, que só de os lembrar nos crescem Niagaras de água na bôca (ó! o *leitão assado* à moda dessas terras! Conheço os de Vagos! São, na verdade, *de se lhes tirar o chapéu!*)

Não deixam também de ser curiosas as notícias de carácter histórico que êste livro contém. Sôbre as freguesias de Travassô e Alquerubim, e algumas mais, reüniram-se documentos inéditos ou pouco conhecidos, e aproximaram se interessantes factos, aliás sem outras pretensões que não fôssem as de dar uma idea do passado remoto daquelas regiões, pois que o verdadeiro intento do Autor ao iniciar a composição dêste trabalho era o de «destrinçar a origem e parentesco de algumas famílias muito prolíficas e bem assim das de mais categoria de Travassô e Alquerubim». Sob êste aspecto o presente volume é de enorme e indiscutível interêsse local. Ficará constituindo, pelos séculos fora, como que o *Livro de Linhagens* da região, e será, sem dúvida, muito mais digno de crédito que os de igual título, das velhas famílias de Portugal.

Faltarão nêle alguns nomes que aqui devessem figurar? E' possível, e o Autor teve o cuidado de enumerar a pág. 4 os vários motivos que poderão explicar essa omissão. Permita-se-me observar, a propósito, que já Fernão Lopes se viu na eminência de idêntica censura quando, na sua *Crónica de D. João I*, citando mais duma centena de leais portugueses que auxiliaram o Mestre de Avis na memorável crise da independência nacional em 1383, reconheceu que poderia ter deixado de mencionar alguém. Então, o genial cronista escreveu na sua inimitável linguagem:

—«*E quem, no conto dêstes... não achar seu pai, ou irmão ou algum parente a que grão bem queira, não doeste por isso esta obra, com grande trabalho ordenada. A qual todos não pode contentar, assim como um só e mesmo vento não pode comprazer a vários mareantes. Mas haja aquela paciência que os Santos houveram, que não são postos na ladaínha, nem na sacra que dizem na missa.*»

Faça o Autor como Fernão Lopes e diga:—se aqui alguém falta, console-se com o exemplo daqueles virtuosos varões que eram *Santos* e que não foram postos na Ladaínha, sem que por isso ficassem menos Santos!

Travassô e Alquerubim a todos os seus filhos continuará a querer igualmente!

Julho de 1942.

Depois disto, resta-nos agradecer a Laudelino de Miranda Melo a oferta do seu livro ao *Democrata* e felicitá-lo, a seguir, em presença do valor que o reveste e o impõe, aconselhando a sua leitura.

NECROLOGIA

Sucumbiu, quarta-feira, aos estragos duma grave enfermidade, Aniano Soares, pertencente ao corpo activo dos Bombeiros Voluntários, que o acompanharam à última morada, juntamente com outras pessoas de sua intimidade.

Tinha 35 anos, era filho de João Soares, deixando viuva com um filho menor.

* * *

Com 61 anos também se finou, no mesmo dia, José Ferreira de Barros, artista cerâmico, que foi sepultado no cemitério novo.

Era casado e sogro do sr. António da Silva Ferreira.

Ás famílias enlutadas, os nossos sentimentos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Angela da Naia Sarrazola, viuva, de 71 anos e Francisco Augusto Saraiva, casado, de 26; na *Quinta do Picado*, António Nunes Bastos, viuvo, de 52 e em *Vilar*, Custódio Gonçalves do Padre, viuvo, de 68.

Desaparecido

— o —

No dia 21 deixou a casa materna o menor de 12 anos, Manuel Pereira de Melo, filho de Maria Salomé da Apresentação Pereira, que, debalde, o tem procurado.

Para onde iria o rapaz? Veste roupa de trabalho e é moreno, de olhos castanhos. A mãe procura-o.

Secção Desportiva

Remo

Aveiro, representada pelo *Club dos Galitos*, marcou galhardamente um lugar honroso nas provas a que concorreu, domingo, no Rio Douro, onde se efectuaram os Campeonatos Nacionais com grande brilhantismo.

Assim, na de *out-riggers*, a 4 remos (2000 metros) os aveirenses classificaram-se em primeiro lugar, seguindo-se as *équipes* do *Sporting Club Caminhense*, *Club Náutico*, de Viana do Castelo, *Grupo Desportivo dos Ferroviários*, do Barreiro, e *Associação Naval 1.º de Maio*, da Figueira da Foz. A tripulação dos *Galitos*, composta por Manuel de Matos, João Dias de Sousa, Amadeu Simões Lemos Moreira, José da Naia Velhinho e Lino Costa *(tim.)*, gastou no percurso 5^m,58. Disputaram-se nesta prova as taças *Lisboa* e *Libertas II*.

A seguir realizou-se a de *Yoles de mer*, a 4 remos, ganha pelo *Club Náutico*, tendo chegado em segundo lugar o barco dos *Galitos*, de que faziam parte António Mateus Júnior, Altino Simões, Carlos Alberto Dias Gamelas, Ricardo Pinho das Neves e Mário Silva *(tim.)*.

A última prova em que participaram os aveirenses foi a de *skiffes* para disputa da *Taça Casino de Espinho II*. Ulisses Naia e Silva, dos *Galitos*, foi o primeiro a alcançar a *meta*, ficando campeão nesta categoria.

Acompanharam as *équipes* ao Pôrto, além dos delegados do Club, srs. eng. Mateus de Lima e Luís da Naia e Silva, alguns dos seus associados.

Os resultados obtidos pelos remadores aveirenses deram ensejo a que a nossa terra de novo fôsse falada e elogiada. Deu mais uma lição, o que sobremaneira nos desvanece ao dirigirmos as nossas felicitações ao *Club dos Galitos* pelos triunfos alcançados na capital do norte.

Os troféus ganhos têm estado expostos numa montra da Rua Coimbra, sendo muito admirados.

Basket-Ball

Segue hoje para aquela cidade, a-fim-de disputar a meia final da zona norte do campeonato de Portugal o grupo representativo da A. B. A. pertencente ao *Club dos Galitos*.

O jôgo realiza-se à noite, no Campo do *Fluvial* e da caravana desportiva aveirense farão parte os seguintes elementos: Fino, Baldomero, José de Matos, Luís e José Porfírio, Gamelas, Barreto, Arroja, Silvio e António Maria. *Galitos* defrontar-se-há com o *Sporting Club Vasco da Gama*, valoroso grupo nortenho.

* * *

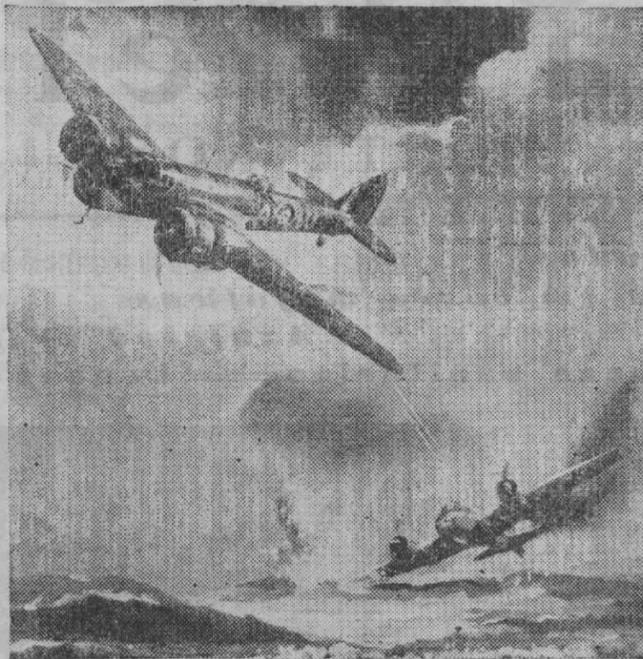
No domingo passado, *Galitos* derrotou o *Gafanhense* por 43-9 e os infantis daquela agremiação local ganharam aos do *Recreio M. Esgueirense* por 8-2.

Foot-ball

No Estádio Mário Duarte realizou-se o anunciado encontro entre o *Estoril Praia*, de Lisboa e o *Leça F. Club*, do Pôrto.

A vitória coube ao primeiro por 4-1.

A.

Á MARGEM DA GUERRA

Um Heinkel perseguido por um Blenheim da R. F. A., tripulado por um piloto belga, afunda-se no oceano

Novidades

Distraír os doentes é hoje, sem dúvida, um dos mais importantes problemas do tratamento.

Muito já ajuda para o seu restabelecimento, conseguir evitar horas de aborrecimento e proporcionar-lhes qualquer trabalho, para assim impedir que a melancolia, pela qual os doentes fàcilmente sucumbem, se alastre.

Principalmente durante a guerra torna-se importante a questão de distracção dos soldados feridos.

Na Alemanha, por exemplo, encontram-se vários caminhos para combater os aborrecimentos e a melancolia nos hospitais. Três diferentes maneiras deram o melhor resultado; umas vezes a distracção cultural, outras a ocupação com trabalhos manuais e afinal o desportismo.

A organização *A Alegria pelo Trabalho* tem a seu cargo a distracção cultural dos feridos.

Fazem-se conferências de interêsse geral, concêrtos e também apresentações de filmes cinematográficos, que eliminam a monotonia nos quartos dos hospitais.

Há em cada hospital diversos aparelhos de projecção de filmes, portáteis, de tamanho reduzido, que servem para distrair os doentes nos seus quartos. Como a arte exige uma certa distância da vida nervosa dos nossos tempos, nota-se o interêsse dos feridos, contemplando as obras dos pintores e escultores, que é muito superior ao do público que em geral visita as exposições dos artistas.

Cada hospital dispõe, também, duma biblioteca para os doentes, mas a ocupação principal e previlegiada é o trabalho manual. Cada um gosta, em geral, de experimentar a sua habilidade, ou mesmo de mostrar a sua boa vontade e, assim, introduziram-se lições pelas quais os doentes podem aprender desenho, a plástica, a arte fotográfica, a fabricação de modêlos em talha, etc.

A-pesar-das suas mãos, primeiramente, não serem muito hábeis, muitos conseguiram, depois, executar lindos trabalhos.

Assim, uns constroem um antigo castelo, outros um modêlo de barco à vela, tentam outros modelar uma plástica, ou fazer um brinquedo para o seu filho, tendo desta forma cada um a sua distracção. Enquanto uns assim trabalham, toca um ou outro o acordeón ou a guitarra e assim passa o tempo, dando-se aos feridos alívio e distracção.

RODRIGO JORGE

Doenças dos olhos

Encontram-se suspensas, até meados de Outubro, as consultas que, aos sábados, vêm dar ao nosso Hospital os srs. drs. Abílio Justiça e Cunha Vaz, médicos especialisados em doenças dos olhos, com consultório em Coimbra, o que se leva ao conhecimento dos interessados.

Oportunamente designamos a data em que os distintos clínicos retomarão as consultas nesta cidade.

Albergue de Mendicidade

—o—

TRANSPORTE . . .	1.799$00
João Pires, ajudante de Esquadra aposentado . . .	1$00
Jaime Migueis Picado, serralheiro	1$00
D. Maria da Conceição Silva, proprietária	2$50
Agostinho Picado, marceneiro	1$00
D. Elisia de Jesus	1$00
José Gomes Silveirinha, oficial do Exército	2$50
Eduardo Osório & Filhos, Suc.	7$50
Alpoim Pereira Monteiro Júnior, agente comercial . .	2$50
Julio António da Costa, lavrador	2$00
Julio Simões, lavrador . .	3$00
António Ferreira, emp. do Grémio do Comércio . .	5$00
João Deus da Loura Moreira, pescador	1$50
Evaristo dos Santos, emp. camarário	2$50
Roque Gonçalves Maio, motorista	5$00
José André Traveço, jornaleiro	1$00
D. Emilia Rosa de Jesus . .	1$00
Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria n.º 5 .	2$00
Francisco da Neves Vieira, 2.º sargento de Cavalaria .	2$00
D. Tereza de Oliveira Gadim	1$00
João Rodrigues Limas, carpinteiro	2$00
José Pacheco Furtado, sargento	2$00
João Simões de Almeida, emp. da Câmara Municipal . .	1$50
Augusto Catalão, trabalhador	2$00
Julio Soares, negociante . .	3$00
Manuel Alves Dias, comerciante	5$00
António Nunes Paula, funcionário público	2$50
José Rodrigues Júnior, negociante de frutas . . .	3$00
Quintino & Delfim (Vassouraria Aveirense) industriais	5$00
João Ferreira Gamelas, comerciante	5$00
D. Maria Apresentação . .	1$00
A TRANSPORTAR.	1.876$00

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,58 (recov.)	11,15 (»)
6,37 (tram.)	15,41 (tram.)
10,42 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido)[1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 8,08 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Ás terças, quintas e sábados

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,56	10,31
13,35 (1)	12,42 (1)
16,14	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

BOM LEILÃO

Realiza-se, no dia 2 de Agosto (domingo), pelas 2,30 horas da tarde, na agência de leilões *A Libertadora*, Rua Direita, 68, frente à Sé Catedral (S. Domingos), onde será vendido todo o recheio do *Café Imperial*, desta cidade, que consta de mesas redondas em pedra mármore com aplicações em metal cromado; mesas quadradas em andirova e com tampos de pedra mármore; um grande lote de cadeiras de braços com assento em pergamoide; balcões envidraçados e com pedra mármore; estantes em andirova; várias peças de louças e outros objectos que estarão patentes no acto do leilão.

E' na casa onde esteve a *Livraria Vieira da Cunha*.

«O Democrata»

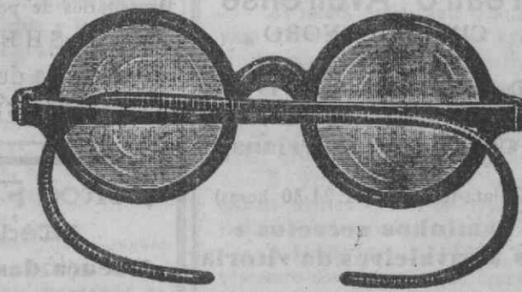
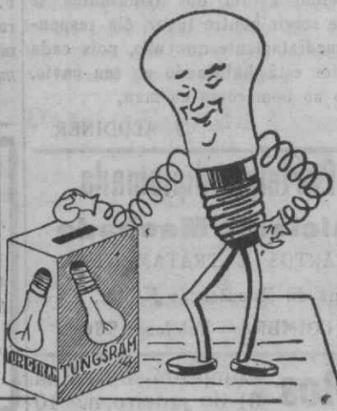
ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	20$00
Semestre . .	10$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Considerações sôbre o
NOVO ANO AGRÍCOLA

O Inverno extremamente longo e duro veiu trazer à agricultura europeia dificuldades, além das já existentes por virtude da guerra. A-pesar disso, os agricultores de todos os Estados do continente europeu fizeram tudo para intensificar as culturas da Primavera, a-fim-de garantir a alimentação europeia no próximo ano. Pode verificar-se isto nas sementeiras da Primavera, já concluídas ou em vias lisso, sobretudo na Alemanha.

A-fim-de reparar os prejuízos causados pelo longo Inverno e pela consequente acumulação do trabalho, foram tomando-se as seguintes medidas:

1)—Emprêgo de mão de obra, adicional, pelo aumento do número de trabalhadores estrangeiros e pela mobilização reforçada das reservas de trabalhadores nacionais. Para avaliar a importância que se liga à solução satisfatória do problema da mão de obra, basta dizer que o Intendente-geral para a distribuição da mão de obra nomeou um encarregado especial, cuja missão consiste em arranjar e dirigir a necessária mão de obra rural.

2)—Fornecimento suficiente de sementes, cujas transacções são hoje duas vezes e meia superiores às realizadas antes da guerra.

3)—Fornecimento suficiente de adubos, cujo elevado número da produção torna possìvelmente os contingentes dêstes produtos, em grande parte, num grau superior ao volume do consumo anterior a batalha da produção e permite, ao mesmo tempo, enviar para os novos territórios fornecimentos especiais. Espera-se com estas medidas poder realizar plenamente o programa previsto para a produção, a-pesar das desfavoráveis condições metereológicas e das naturais repercussões da guerra.

Mas tal como ali, nos países do sudeste europeu dispendem se também, todos os esforços a-fim de tirar das culturas da Primavera o máximo rendimento. Na Eslováquia foi pôsto em prática um imediato auxílio à agricultura. Todos os terrenos de pousio têm de ser imediatamente cultivados, sob pena de serem confiscados pelo Estado pelo prazo de 3 anos e confiados a outros lavradores. E' ainda proíbido ampliar a área de outras culturas à custa da sementeira de cereais. Prevêem-se prémios concedidos pelo Estado àqueles lavradores que alcançarem um número de sementes maior do que em 1940.

Por outro lado, a Hungria introduziu o trabalho obrigatório. Os camponeses são obrigados a ajudarem-se mutuamente nos seus campos. Os grandes e médios proprietários têm de contentar-se com máquinas e animais de tracção. A-fim-de empregar os trabalhadores rurais onde sejam mais necessários, a sua utilização é, em todo o país, regulada pelas repartições do Trabalho.

Na Roménia, o Govêrno concedeu créditos para sementes no valor de 800 milhões de «lei», que mais tarde ascenderão a 1.100 milhões de «lei» para intensificação das sementeiras da Primavera. A escassa produção de trigo de Inverno deve ser compensada pelo reforço das sementeiras de trigo de Verão e de cevada. Os homens que foram chamados às armas são substituídos nos trabalhos agrícolas por prisioneiros de guerra russos. Além disso, os lavradores estão empregando mais intensamente os tractores, que são utilizados de dia e de noite, para assim se conseguir uma distribuïção racional da maquinaria existente. Finalmente, foram tomadas medidas especiais para os territórios reconquistados na Bessarrábia e outros.

O que acabamos de ver, mostra que nos Estados de maior importância para o aprovisionamento alimentar da Europa, se realiza tudo para que as sementeiras da Primavera sejam levadas a cabo tão intensivas e ràpidamente quanto possível.

Apenas pode desejar-se que em todos os países continentais se trabalhe, no sector agrícola, com a mesma intensidade. E' que a comunidade dos povos europeus só ajudará, como é legítimo, quem puder provar ter feito o máximo para se sustentar do seu próprio solo.

J. C. R.

Bilhete do alto mar

Muitas milhas distantes das costas do Reich e dos países ocupados, vigiam os navios de patrulha alemães. Formam a primeira linha no campo de guerra marítimo.

A vida a bordo dêstes navios de patrulha é dura. Não é fácil para um soldado, apoiando-se em si só, esperar semanas e semanas, meses e meses que apareça o inimigo, talvez com fôrças muito superiores, não poder procurá-lo para a luta mas estar presente em todo o momento quando êle ataque. E neste momento só pode haver uma decisão: um ou outro.

Os barcos são pequenos e o espaço também. Quando o mar está calmo, pode-se dar uns passeios pelo convés, mas isto só raras vezes acontece. Não existem comodidades de espécie alguma. Lavar-se convenientemente é quási que impossível durante o vai-vem constante do barco. Sim; no verão pega-se na mangueira e toma-se um duche consolador ou então mergulha-se nas ondas frescas.

Dia e dia, noite e noite, patrulha o navio o seu sector; durante 10 e 12 dias não vêem os homens mais do que água e céu. Algumas vezes aparece alguma distracção, sobretudo quando, ao longe, se descortina uma nuvem de fumo. Então, marcha-se a todo o vapor ao seu encontro. Muitas vezes é necessário que um comando de prêsa traga o navio para ser minunciosamente examinado.

Noutros dias, para variar, há exercícios de tiro. Algumas vezes vê-se uma mina à deriva que o vendaval desligou do seu ancoradouro. Este objecto perigoso tem de ser eliminado antes que possa originar danos. Algumas rajadas de metralhadora são suficientes: a mina rebenta lançando uma alta coluna de água.

Este é o *pão nosso* de cada dia nos barcos de patrulha; os pequenos navios só raras vezes têm ocasião de levar a cabo brilhantes acções de guerra, mas o seu serviço perigoso já custou certas vítimas à Pátria. Preguntando a um dos tripulantes se quere servir noutro lugar, êle responde imediatamente que não, pois cada homem está habituado ao seu navio, tanto no bom como no mau.

J. ALODINER

Comarca de Aveiro
Divórcio

Para os devidos efeitos se anuncia que, por sentença que transitou em julgado, foi decretado definitivamente o divórcio entre os conjuges Maria Cardosa, doméstica, de Ilhavo, e José Nunes da Silva Júnior, trabalhador, residente em Arganil, cuja sentença tem a data de 2 de Julho de 1942.

Aveiro, 16 de Julho de 1942.

O chefe da 2.ª secção da 2.ª vara

João António Morais Sarmento

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes